
O riso contido entre o tabu e o sagrado: um estudo de caso sobre o status contemporâneo do cômico enquanto critério hermenêutico do religioso

The laughter stuck in between the taboo and the sacred: a field study about the status of the comic as hermeneutical criteria of the religious

DOI: 10.12957/ek.2020.50398

Me. Paulo Henrique Lopes

Universidade Federal de Juiz de Fora

peaga_bio@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-0859-0634>

Resumo

O presente artigo é fruto do estudo de caso da polêmica, que se desenrolou a partir da internet, envolvendo o lançamento do episódio *Especial de Natal: a Primeira Tentação de Cristo* (2019), produzido pelo grupo de humor *Porta dos Fundos* e distribuído pelo site de *streaming*, *Netflix*. O objetivo foi investigar, por uma fenomenologia aplicada, como o indivíduo, religioso ou não, se comporta quando a sua religião é abordada tendo o cômico como critério hermenêutico. Como resultado, através da análise dos mais de setecentos formulários coletados, irradiaram-se pelo menos quatro camadas que podem caracterizar a dinâmica entre a fé e o riso. Para discuti-las, utilizou-se Baudelaire – (i) para colocar a ambivalência do interdito cristão ao cômico, Freud – (ii) para averiguar se essa interdição pode se comportar como um tabu, Bergson – (iii) para entendermos como o cristianismo pode ser apropriado pelo riso, e Eliade – (iv) para uma intersecção entre a essência do riso com a essência da religião, o sagrado.

Abstract

This paper results from a field study concerning the polemics started in the internet involving *Porta dos Fundos's* episode, *Especial de Natal: a Primeira Tentação de Cristo* (2019), distributed on *Netflix*. The main objective was to analyze, through an applied phenomenology, how the individual, religious or not, behave when the religion is represented under a comic hermeneutical criterion. As a result from the analysis of more than seven hundred forms, we identified at least four layers that characterize the dynamics between faith and laughter. To make a discussion of these layer, we used Baudelaire – (i) to set the point about the Christian as an interdicted field for the laughter, Freud – (ii) to investigate if this interdict behaves as a taboo, Bergson – (iii) to understand how comedy frames Christianity, and Eliade – (iv) to make an intersection between the essence of the laughter and the essence of the religion as the sacred.

Palavras-chave: Tabu. Riso. Sagrado. Porta dos Fundos.

Keywords: Taboo. Laghter. Sacred. Porta dos Fundos.

Introdução

“O Verbo Encarnado nunca riu [...]. É em nós, cristãos, que se situa o cômico” (BAUDELAIRE, 1868, p.372). Para chegar até esta conclusão, Charles Baudelaire deve considerar muitas variáveis em sua argumentação até poder conjugar, enfim, o cristianismo com o cômico. Em uma dessas variáveis, ele se questiona *Sobre a Essência do Riso* a partir de uma cena corriqueira:

[O] que há de tão engraçado no espetáculo de um homem que cai no gelo ou na rua, que tropeça na beirada de uma calçada, para que a face de seu irmão em Jesus Cristo se contraia de modo desordenado, para que os músculos de seu rosto comecem a trabalhar subitamente como um relógio ao meio-dia ou um brinquedo de cordas? (BAUDELAIRE, 1868, pp. 367-368)

Raros são aqueles que nunca riram de uma “vídeo-cacetada”, vídeos que registram pessoas sofrendo toda sorte de pequenos acidentes, como este tropeção indicado por Baudelaire. Mas será que o formato pelo qual tais acidentes são testemunhados influencia na sua comicidade? Talvez, ao vivo, aquele mesmo tropeção pudesse suscitar, ao invés do cômico, o trágico. Se em um primeiro momento em que a gravidade do acidente ainda é indeterminada, a piedade poderia minar o potencial para o riso, este potencial talvez pudesse ser reforçado caso testemunhássemos este mesmo acidente, por exemplo, em vídeo. Parece que, dada a distância que este último formato nos coloca em relação à atualidade da queda real sofrida pela outra pessoa, esta forma nos confere uma licença a mais para o riso, pois, não havendo nada que possamos fazer diante de uma fatalidade já consumada, resta-nos a tentadora liberdade para o riso. “Esse pobre diabo ficou, no mínimo, desfigurado; talvez tenha fraturado um membro essencial. No entanto, o riso disparou, irresistível e súbito” (*Ibidem*, p. 368), potencializado ainda mais por não demandar que nos importemos com estas consequências, uma vez que o registro do acidente o projeta no passado.

Não é à toa que os *memes* e este tipo de vídeo configuram-se como sendo uma das categorias que mais possuem visualizações e compartilhamentos na internet. Acima de tudo, nós *procuramos* exercitar esta liberdade para o riso suscitada por este formato virtual que, vale ressaltar, emerge de um componente subjetivo: “o cômico, a potência do riso, está naquele que ri e, de modo nenhum, no objeto do riso. Não é nunca o

homem que cai, que ri de sua própria queda” (*Idem*, p. 370)¹. O riso de si mesmo do homem que cai, “a menos que se trate de um filósofo, de um homem que tenha adquirido, por hábito, a força de se desdobrar rapidamente e de assistir, como espectador desinteressado, aos fenômenos do seu eu” (*Ibidem*), geralmente, é um “riso sem graça”, um riso sem conteúdo que emerge da vergonha de ter se tornado objeto de riso alheio. Esta intersubjetividade do riso suscitaria, então, uma relação assimétrica entre aquele que ri e aquele que é capturado enquanto objeto deste riso; relação que poderia ser traduzida em um sentimento de superioridade tão bem captado pelo ditado popular: “quem ri por último, ri melhor”. Esta superioridade coloca os indivíduos em tensão, em conflito, por meio do cômico que a legitima e é legitimado por esta hierarquia.

[Se] se quiser aprofundar melhor essa situação, encontrar-se-á, no fundo do pensamento daquele que está rindo, um certo orgulho inconsciente. Aí está o ponto de partida: *eu*, eu não caio; *eu*, eu ando direito; no que *me* diz respeito, meu pé é firme e seguro. Não seria *eu* a cometer a tolice de não ver uma calçada interrompida ou uma laje que barra a passagem (BAUDELAIRE, 1868, p. 368).

Se Baudelaire (1868) está certo sobre esta qualidade do cômico, isto é, que o riso é um exercício que compete a primeira pessoa, nunca se deve ter rido tanto quanto na Modernidade, que se consolida, inclusive, pela ênfase na individualização e, conseqüentemente, na primazia da subjetividade,² encontrando, no espaço virtual *online* contemporâneo, o anteparo ideal para o exercício e disseminação daquela liberdade para o riso.

Neste cenário, a liberdade para o riso pode ter um efeito nocivo quando o cômico se torna autorizado somente pelo e para aquele que é ou se coloca enquanto superior, ainda que esta superioridade também passe por superestruturas que ditam os valores culturais, sociopolíticos, econômicos, morais, psicológicos e religiosos que o indivíduo herda e reforça. A autoridade seria detentora do monopólio do riso cujo exercício, por sua vez, deveria obedecer e reforçar certo tipo de hierarquização. Pois, se o riso configura a superioridade daquele que ri em relação ao objeto do cômico, rir de

¹ E o autor completa “[...] a menos que se trate de um filósofo, de um homem que tenha adquirido, por hábito, a força de se desdobrar rapidamente e de assistir, como espectador desinteressado, aos fenômenos do seu *eu*”.

² Temos em mente a discussão que Bruno Latour desenvolve sobre a noção de Modernidade, em seu livro *Jamais Fomos Modernos* (1994).

um superior deve tornar-se um interdito. Por outro lado, rir de uma autoridade se torna um ato de subversão, uma vez que só ao superior é permitido o riso. Rir do superior é, já, destituí-lo de sua superioridade e rebaixá-lo para um patamar ainda mais baixo em relação à inferioridade daquele que, por esta autoridade, era visto como seu inferior e de quem, agora, emerge o riso que é, sobretudo, subversivo.

Nesta lógica hierárquica, a comicidade inerente ao sujeito ou à época em que ele se situa (e pela qual é situado) tende a aumentar proporcionalmente com as estruturas de hierarquização. Por exemplo, faz parte da consolidação de uma época rir da sua antecessora enquanto assinatura do seu “progresso”. Deste modo, reencontramos aquela primeira asserção de Baudelaire que nos diz que é em nós, cristãos, que se situa o riso, uma vez que é pelo cristianismo, como fator cultural e histórico milenar, que podemos ser aqueles que riem por último em relação aos pagãos greco-romanos, africanos, asiáticos e nativo-americanos³. O riso destes povos, dos gregos, por exemplo, que passava pelo aspecto devocional dionisíaco, será ou caricaturado ou condenado como diabólico, justamente pela subversão momentânea que o respectivo ritual implicava e implicará para a ordem sociocultural que ele rompe ao ser performado. Na Ática, o *kômos* – de onde advém o termo cômico – era o grupo que, após a celebração dionisíaca, saía, em êxtase embriagado, cantando, rindo e interpelando os passantes, muitas vezes, agressivamente. Este caráter da *kômodia* – comédia – será apropriado como gênero artístico, funcionando, inclusive, como instrumento de subversão crítica de um *ethos* (MINOIS, 2002, p. 25). Temos, portanto, o caráter ambíguo do riso como subversão da ordem, ao passo em que legitima a superioridade daquele que ri.

Neste contexto, a condenação do riso não nos será um fato estranho, ainda que ambíguo. Pois, se aplicarmos a lógica da superioridade que Baudelaire nos indica às raízes subversivas do cômico, o cristianismo que permite o riso do cristão será o mesmo que ditará os seus limites; e, neste sentido, o teor contraditório do cômico começa a mostrar os seus dentes quando a questão cultural e histórica passa a se estender para

³ “Vênus, Pan, Hércules não eram personagens que provocavam o riso. Rimos deles após a vinda de Jesus; Platão e Sócrates tendo contribuído para isso. Creio que a Antiguidade tinha muito respeito pelos tambores-mores e pelos malabaristas de todos os tipos, e que todos os fetiches extravagantes que eu citei [as figuras grotescas, as máscaras, estatuetas de bronze, os Hércules constituídos inteiramente de músculos, os pequenos Príapos com língua retorcida no ar, com orelhas pontudas, inteiramente cerebelo ou falo] são apenas signos de adoração ou, no máximo, símbolos de força e, de forma alguma, emanções do espírito visando o cômico. Os ídolos hindus e chineses ignoram que eles sejam ridículos” (BAUDELAIRE, 1868, p. 372).

uma certa fenomenologia da religião, uma vez que a justificativa religiosa, enquanto critério que permite o riso, deve estar associada àquela que justifica o seu limite. A transcendência do fundamento cristão em relação à existência, isto é, o dogma cristão que considera a sua divindade como uma instância situada à parte do mundo, absoluta, é o que legitimará o riso cristão de toda a mundanidade que lhe é inferior, ao passo que lhe impedirá o riso dela mesma. Em outras palavras, o fundamento religioso absolutamente superior ditará o limite do cômico, colocando o cristianismo como um objeto interdito às forças subversivas do cômico. É na tensão que caracteriza este riso sem “graça” que se desenrolará a análise de uma fenomenologia aplicada.

1. A polêmica Porta dos Fundos

No dia 3 de dezembro de 2019, a religiosidade cristã teve a sua posição de critério para o cômico abalada: tornou-se objeto público do riso. Nesta data, o site de *streaming* por assinatura, *Netflix*, lançou o *Especial de Natal: A Primeira Tentação de Cristo*, uma sátira protagonizada pela produtora brasileira de vídeos humorísticos *Porta dos Fundos*. Este episódio – como todos aqueles lançados pela produtora desde o ano de 2013, sempre na ocasião para o Natal – traz elementos religiosos da tradição cristã como objeto central de seu humor, como consta na própria sinopse oficial: “Jesus está fazendo 30 anos e traz um convidado surpresa para conhecer a família (Sátira que envolve valores caros e sagrados da fé cristã)” (NETFLIX, 2019a).

No caso, Luci (Fábio Porchat) é o convidado que Jesus (Gregório Duvivier) traz depois de passar um tempo no deserto. Ao chegar em casa, Jesus e Luci se deparam com uma festa de aniversário surpresa organizada pela família de Jesus: Maria (Evelyn Castro), José (Rafael Portugal), Deus (Antonio Tabet), entre outros(as).

O roteiro, que se desenrola a partir deste evento, explora, inclusive, um suposto relacionamento homoafetivo entre Jesus e Luci, bem como o modo com que este relacionamento é recebido pelos demais presentes na festa, além de sugerir um triângulo amoroso entre Deus, Maria e José.

Estes serão alguns dos aspectos cômicos que insuflarão uma polêmica instantânea (a *polêmica Porta dos Fundos*, como ficou conhecida), principalmente por parte de uma comunidade cristã, começando com manifestações de indignação em

relação ao episódio nas redes sociais, logo se estendendo para o âmbito jurídico, envolvendo, inclusive, casos de atentado físico e mandados de censura.

A polêmica de sucedeu, até agora, da seguinte maneira:

1.1 Principais eventos envolvendo a polêmica Porta dos Fundos

03/12/2019 – Estreia o *Especial de Natal: A Primeira Tentação de Cristo*, produzido e protagonizado pelo grupo de humor *Porta dos Fundos* e distribuído virtualmente pelo site *Netflix*.

12/12/2019 – A proposição da ação civil para a retirada do ar do *Especial*, emitida pela associação católica *Centro Dom Bosco de Fé e Cultura*, alegando que “a honra e a dignidade de milhões de católicos foram gravemente vilipendiadas pelos réus”, é negada em primeira instância. A juíza da 16ª Vara Cível responsável pelo caso, Adriana Jara Moura, afirma que não verificou “violação aos Direitos Humanos, incitação ao ódio, à discriminação e ao racismo, sendo que o filme também não viola o direito de liberdade de crença, de forma a justificar a censura pretendida” (RODAS, 2019).

24/12/2019 – A sede da produtora do *Porta dos Fundos*, na zona sul do Rio de Janeiro, é alvo de um atentado. Um grupo atira dois coquetéis molotov contra o edifício. O caso é registrado como crime de explosão na 10ª DP (Botafogo) e o empresário Eduardo Fauzi Richard Cerquise, de 41 anos, se torna suspeito pelo crime. No dia 29 do mesmo mês, o suspeito embarca para a Rússia.

31/12/2019 – O suspeito do crime é considerado foragido pela Polícia Federal.

04/01/2020 – Em uma entrevista ao *Projeto Colabora*, o suspeito confessa sua participação no crime e diz que, quando “nos deparamos com autoridades completamente inertes, omissas ou até coniventes, que têm o poder de solucionar a questão e cessar a ofensa [provida pelo *Especial de Natal* (2019)] mas não o fazem e se recusam a fazer, ou até mesmo defendem os atos criminosos e blasfemos, não resta outra forma do que responder com as próprias mãos” (NETO, 2020).

08/01/2020 – O desembargador da 6ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Benedicto Abicaí, acata o pedido do *Centro Dom Bosco de Fé e*

Cultura, em uma decisão liminar provisória. O magistrado determina que o vídeo saia do ar para “acalmar os ânimos” da sociedade (RODAS, 2020).

09/01/2020 – A *Netflix* se pronuncia: “Sobre o especial do Porta dos Fundos: apoio fortemente a expressão artística e vou lutar para defender esse importante princípio, que é o coração de grandes histórias” (NETFLIX, 2020).

09/01/2020 – O *Porta dos Fundos* se pronuncia:

O Porta dos Fundos é contra qualquer ato de censura, violência, ilegalidade, autoritarismo e tudo aquilo que não esperávamos mais ter de repudiar em pleno 2020. Nosso trabalho é fazer humor e, a partir dele, entreter e estimular reflexões. Para quem não valoriza a liberdade de expressão ou tem apreço por valores que não acreditamos, há outras portas que não a nossa. Seguiremos publicando nossos esquetes todas as segundas, quintas e sábados em nossos canais. Por fim, acreditamos no Poder Judiciário em manter a defesa histórica da Constituição Brasileira e seguimos com a certeza que as instituições democráticas serão preservadas (PORTA DOS FUNDOS, 2020).

09/01/2020 – O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Dias Toffoli, derruba a decisão que determinava que a *Netflix* retirasse o *Especial* do ar. A *Netflix* acionou o Supremo pela Reclamação (RCL) 38782, sustentando que tanto a determinação de inserção de aviso quanto a suspensão da exibição do filme são incompatíveis com entendimentos firmados pelo STF sobre a inconstitucionalidade de qualquer tipo de censura prévia e de restrição à liberdade de expressão. Na decisão, Toffoli declara que “a democracia somente se firma e progride em um ambiente em que diferentes convicções e visões de mundo possam ser expostas, defendidas e confrontadas umas com as outras, em um debate rico, plural e resolutivo” (ANGELO, 2020).

05/02/2020 - O ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Rogério Schietti, rejeita a concessão de salvo-conduto ao principal suspeito, alegando não ter visto elementos de ilegalidade na ordem de prisão expedida que justificassem a concessão de um *habeas corpus* preventivo (CONJUR, 2020).

07/02/2020 – Pela primeira vez, é divulgado um relatório da *Netflix* com a lista dos filmes retirados de seu catálogo, a mando dos governos dos respectivos países aos quais se aplica. Neste relatório consta que o *Especial de Natal: A Primeira Tentação de Cristo* é banido em Singapura (NETFLIX, 2019b).

1.2. O estudo de caso

Como se pode notar pela linha temporal dos eventos envolvendo a *polêmica Porta dos Fundos*, ela se configura como um fértil objeto de estudo sobre a hermenêutica contemporânea que toma conta dos e pelos meios digitais *online*; também por trazer a religiosidade cristã como epicentro da discussão que perpassa as esferas ideológicas, políticas, culturais, psicológicas, cabe ao pesquisador, na qualidade de cientista da religião, estudar esta heterogeneidade a partir da fenomenologia da religião. O estudo de caso da *polêmica Porta dos Fundos* nos fornece uma oportunidade única de ancorar as discussões teóricas que vêm sendo feitas até então e confrontar os seus vieses sobre um substrato religioso empírico contemporâneo e especificamente brasileiro.

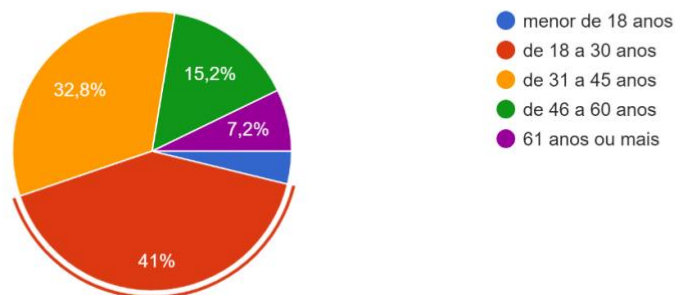
O presente estudo de caso começou, em meio ao calor do debate suscitado pela decisão do dia 9 de janeiro de 2020, com a concepção de um formulário a ser promovido e distribuído oficialmente via *Google Forms* pela *Ágora do Porvir*. A *Ágora do Porvir* é um perfil *online* que tem o objetivo de promover a circulação do conhecimento acadêmico produzido pelas Ciências Humanas, realizando um trabalho de divulgação no *Facebook* e *Instagram*, contribuindo para a qualificação do debate que se desenrola e se abre em plena praça pública contemporânea, isto é, a internet. Além dos perfis da *Ágora do Porvir* (2020a; 2020b), o formulário também foi divulgado na forma de comentários realizados nas postagens relacionadas à *polêmica Porta dos Fundos*, publicadas pelos principais perfis jornalísticos no *Facebook*, como *O Estado de S.P.* e *GI*, bem como nos próprios perfis oficiais do *Porta dos Fundos* e da *Netflix*, onde se desenrolava um debate caloroso, entre os seus seguidores, sobre a questão. Além disso, o pesquisador divulgou o formulário via *WhatsApp*, convidando os contatos à participação e solicitando que, se sentissem engajados pela pesquisa, encaminhassem a mensagem. Desta forma, buscou-se ampliar e diversificar o espaço amostral ao máximo, de modo a alcançar um grupo heterogêneo que aceitasse participar da pesquisa por livre e espontânea vontade e de forma totalmente anônima. A estrutura do formulário pode ser encontrada no Anexo I.

Ao fim de dois meses de circulação (3 de março de 2020), obtivemos um total de 710 respostas que se distribuem da seguinte maneira, de acordo com as perguntas de múltipla escolha da primeira seção, que teve o intuito de caracterização do grupo

amostral:

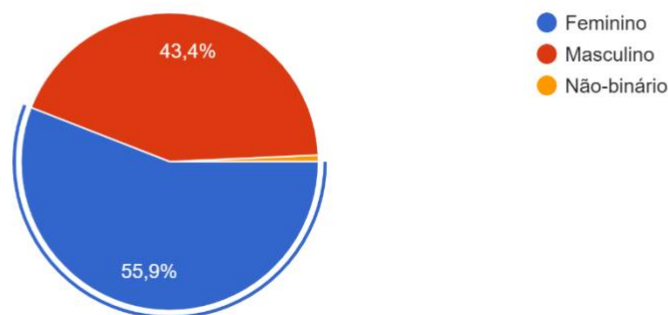
Qual a sua idade?

710 respostas



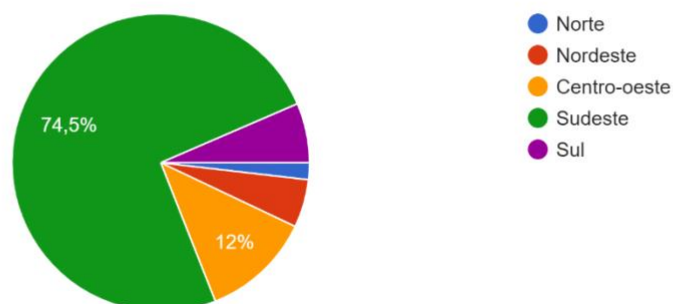
Qual a sua identidade de gênero?

710 respostas



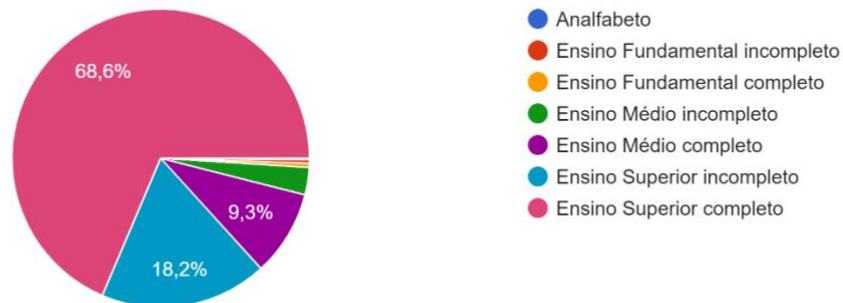
Você mora em qual região do Brasil?

710 respostas

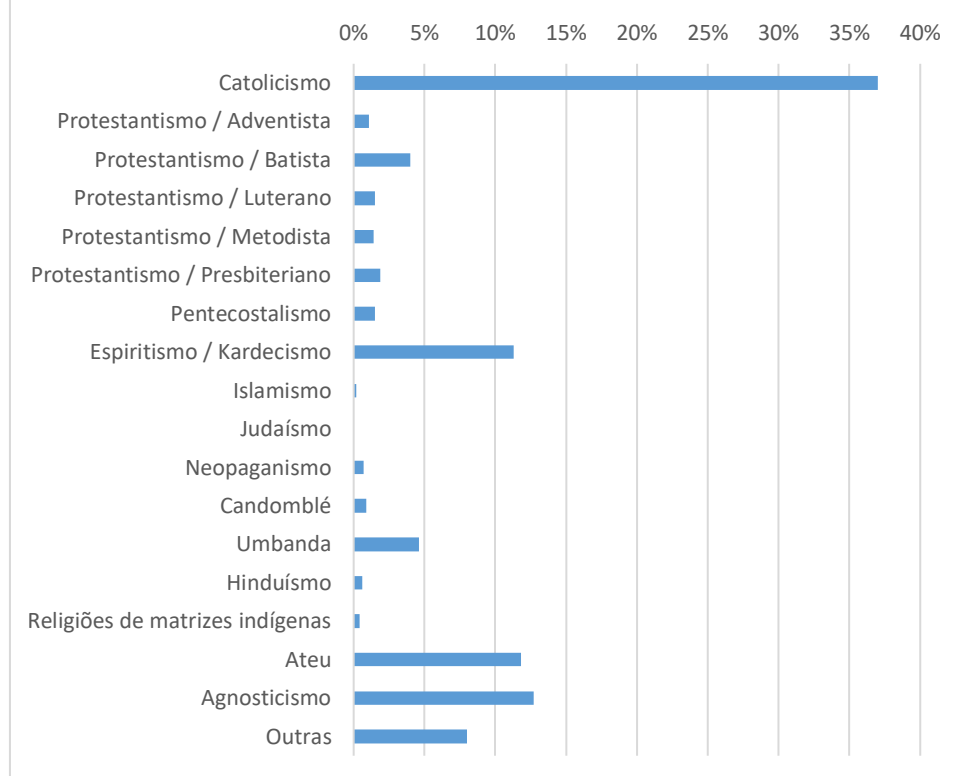


Qual a sua escolaridade?

710 respostas



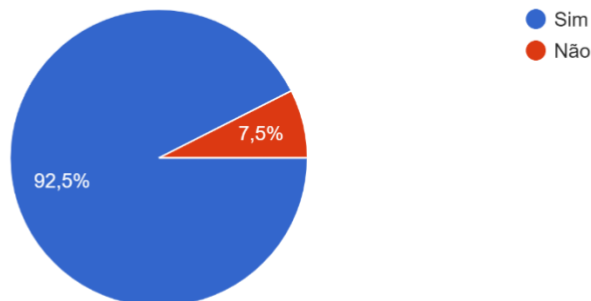
Você se considera pertencente a qual(is) religião(ões)?



As perguntas de múltipla escolha referentes a segunda seção são as que se ocupam especificamente da produtora *Porta dos Fundos* e da polêmica em torno do *Especial de Natal* (2019). As respostas se distribuem da seguinte maneira:

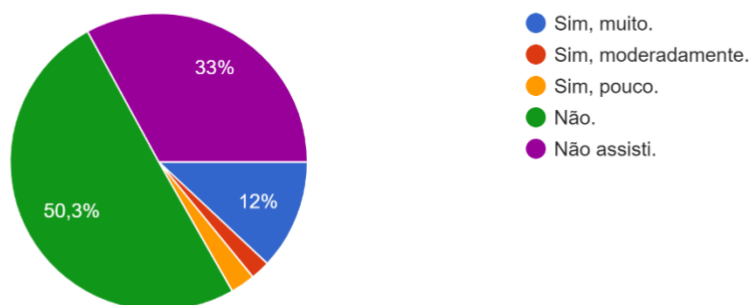
Você já conhecia o grupo de humor "Porta dos Fundos" antes do "Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo" (2019)?

710 respostas



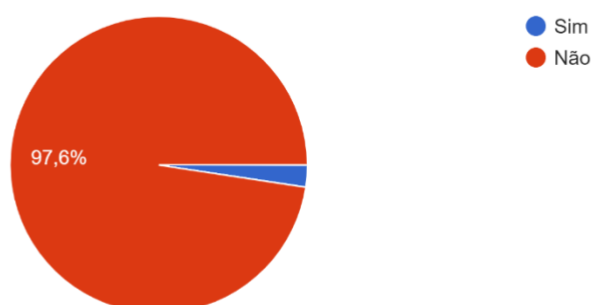
Você se sentiu religiosamente ofendido(a) ao assistir o "Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo" (2019)?

710 respostas

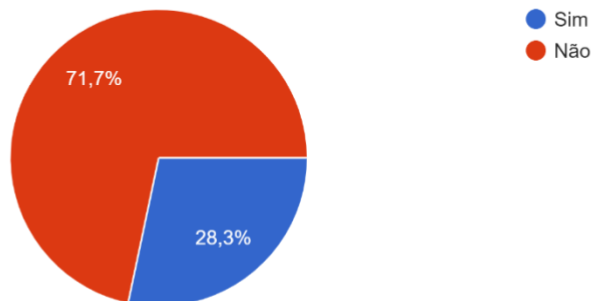


No dia 24 de Dezembro de 2019, em resposta ao "Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo" (2019), o prédio da produtora...oquetéis molotov. Você concorda com este ataque?

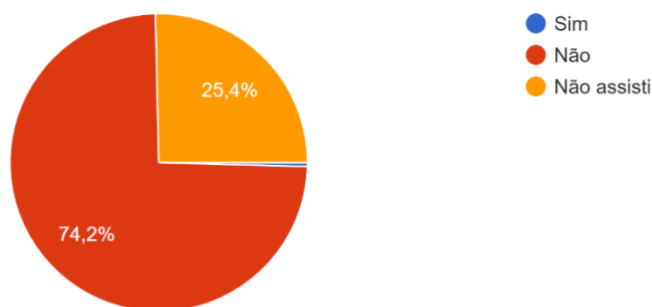
710 respostas



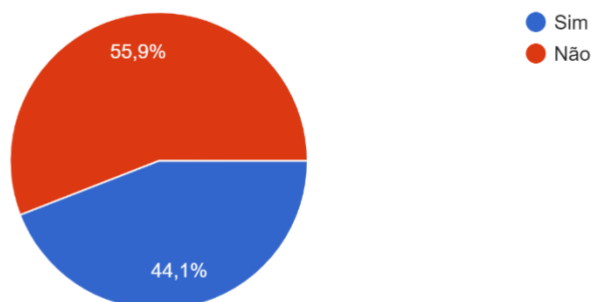
Na quarta-feira (8/1) o Tribunal do RJ determinou a retirada do ar do "Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo" (2019), po...mento). Você concorda com esta decisão judicial?
710 respostas



O "Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo" (2019) alterou a sua crença religiosa?
710 respostas



Você recomendaria o "Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo" (2019) para alguém?
710 respostas



Nesta segunda seção, houve, ainda, duas perguntas discursivas: uma para detalhar o modo como o *Especial de Natal* pode ter alterado a crença religiosa daqueles(as) que afirmaram ter as suas crenças religiosas afetadas, e uma última pergunta possibilitando a justificativa da resposta referente à questão da validade do humor para a discussão da religião, à qual 60,1% responderam que “Sim” e 31,3% responderam que “Não”. Os 8,6% restantes assinalaram a opção “Outro”. Todas as alternativas desta última pergunta eram passíveis de justificativa.

1.3 Tratamento dos resultados

Em um primeiro momento, é muito importante que se enfatize que os dados coletados pela presente pesquisa não são suficientes para servirem como um parâmetro para análise *quantitativa* de nível nacional, uma vez que, devido à divulgação randômica do formulário, qualquer generalização que proviesse de seus dados puramente numéricos poderia incorrer no risco de um enviesamento estatístico ou em uma desconsideração da margem de erro inerente a tal aplicação virtual. Não cabe à presente pesquisa dizer, portanto, que determinada porcentagem dos seguidores de uma determinada religião, de gênero masculino, que moram em uma região e que pertencem a esta faixa etária específica, sentiu-se ou não se sentiu ofendida pelo *Especial de Natal* (2019), que concorda ou não com os ataques e com a censura envolvendo o episódio, que condena ou não a apropriação cômica de valores religiosos.

Um levantamento estatístico deste escopo jamais foi o objetivo da presente pesquisa, mas sim um tratamento *qualitativo* destes números associados ao perfil interno dos formulários. Isto quer dizer que, para além das porcentagens obtidas pelos resultados, estão os discursos que remontam a cada um dos formulários em específico. Eis, portanto, a grande relevância deste estudo: identificar a existência de tais discursos e, principalmente, como opera a sua lógica frente às circunstâncias a que se inserem. Naturalmente, as perguntas discursivas serão aquelas que terão o maior peso e que permearão a análise, funcionando como balizas para o estabelecimento de articulações entre os referenciais bibliográficos e a *polêmica Porta dos Fundos*. Para tal propósito, as 710 respostas representam um espaço amostral enorme.

A análise qualitativa dos formulários submetidos se dará concomitantemente com o desenvolvimento teórico baseado em uma bibliografia primária que será dividida em três partes. Para o desdobramento da questão introdutória levantada por Baudelaire acerca do cristianismo como critério para o cômico, , consideraremos as contribuições psicanalíticas/antropológicas de Freud, em seu *Totem e Tabu* (2001), conjugando-as com a fenomenologia da religião proposta por Mircea Eliade, em seu *O Sagrado e o Profano* (2007), para, , realizarmos uma caracterização do cômico com base nos ensaios de Henri Bergson, em *O Riso: estudos sobre o significado do cômico* (2018). Este será o tripé utilizado para embasar os dados coletados, sendo ele dividido, consequentemente, nos três itens que se seguem: *Tabu: com a religião se brinca?*, *O riso preso*, e *O Sagrado tem graça?*

O desenvolvimento teórico e a análise dos discursos a serem ainda apresentados se darão de maneira concomitante ao longo destas três partes, e, ao final, espera-se que tenhamos contribuído para um maior entendimento de algumas das opiniões envolvendo a *polêmica Porta dos Fundos* e, principalmente, sobre como se comportam, por meio deste estudo de caso, as múltiplas camadas do fenômeno religioso em si, no contexto brasileiro atual. Que este artigo possa servir de base para futuras irradiações.

2. Tabu: com a religião se brinca?

Um dos subgrupos mais interessantes para o começo da presente análise é aquele composto pelas 17 pessoas (2,4%) que concordaram com o atentado feito à sede da produtora *Porta dos Fundos* com coquetéis molotov.

Ainda que seja uma porcentagem muito baixa, ela remonta praticamente ao mesmo discurso: das 17 respostas, 16 (94,1%) não assistiram ao *Especial de Natal* (2019), sendo que 15 destas 16 (93,5%) nem pretendem assistir. Apenas 4 (23,5%), do total, não conheciam o grupo *Porta dos Fundos* antes da polêmica. Ainda assim, entre as 17 respostas a favor da retaliação física, 9 (52,9%) delas dizem ter se sentido muito ofendidas pelo episódio (as outras 8, 47,1% restantes, apenas assinalaram que não assistiram). Todas as respostas deste grupo discordam que o humor é uma forma válida para se discutir a religião.

Ora, que fator é esse que poderia fazer com que aqueles que não assistiram, nem pretendem assistir, ao *Especial de Natal* (2019) se sintam muito ofendidos pelo seu conteúdo, ao ponto de concordarem com o ataque físico? "1. Pelo fato de ter usado de fatos importantes para nós de forma tão distorcida. 2. Pelo fato de induzir pessoas a acreditarem que aquilo é real. 3. Por não haver nenhuma manifestação pública de respeito" (F. 271)⁴..

Ao lado deste pequeno grupo, englobando-o, inclusive, está aquele relativamente maior que *concorda* com a decisão judicial de censura e que o episódio deve ser tirado do ar. O total destas respostas soma 201 (28,3%). 150 delas (74,6%) não assistiram ao episódio e, destas, 138 (92%) nem pretendem assistir. Entre as que não assistiram, nem pretendem assistir, 46 (33,3%) se sentiram muito ofendidas, 2 (1,4%) moderadamente ofendidas, 4 (2,8%) não se ofenderam e o restante respondeu apenas que não assistiu. Em relação a este segundo grupo que concorda com a decisão judicial, 138 (65,7%)⁵ não concordam que o humor é uma forma válida para se discutir a religião, 26 (12,9%) afirmam ser uma forma válida de discussão, e o restante faz ressalvas ao seu uso (a grande ocorrência de palavras-chave como *depende*, *respeito*, *limites*, *ofensa*, por exemplo, indicam uma tendência à negativa). Temos, novamente, uma tendência discursiva que emerge do espaço amostral especificado, que se aproxima daquela do grupo anterior, ainda que mais distribuída.

Mais uma vez, que fator é esse que poderia fazer com que grande parte daqueles que não assistiram, nem pretendem assistir, ao *Especial de Natal* (2019) se sintam ofendidos em algum grau pelo seu conteúdo, ao ponto de concordarem com aquela decisão judicial em retirar o episódio do ar? "*Tenho apenas um motivo: não se zomba do Sagrado*" (F. 432).

Em seu *Totem e Tabu* (2001, p. 21), Sigmund Freud começa por indicar a equivalência do termo polinésio *tabu* ao termo romano *sacer*, para expor a sua ambivalência: o tabu, ao passo que significa, para nós, algo de sagrado ou de consagrado, por outro lado, também pode significar algo de misterioso, de perigoso e, ao mesmo tempo, proibido. Em um primeiro momento, a nossa hipótese é a de que o discurso reacionário sobre o episódio é inflamado pela incorporação ao roteiro de temas

⁴ Os formulários serão identificados pelo número que corresponde apenas à ordem cronológica de submissão e serão transcritos exatamente como foram submetidos.

⁵ Não necessariamente as 138 que não assistiram nem pretendem assistir.

que já são polêmicos por si só no contexto sociocultural, político e/ou moral, cuja intersecção com os elementos religiosos faz com que o aspecto sagrado nestes elementos se comporte sob a dinâmica do tabu. Por esta via, o cristianismo estabelece o critério hermenêutico para o interdito, ao passo que ele mesmo se coloca enquanto tal, interdito a qualquer apropriação externa; no nosso caso, cômica. “*José falando que Maria teve relação com Deus. // uso de drogas // Jesus com caso com o demônio*” (F. 419); “*Jesus gay*” (F. 537); “*Jesus gay // Maria como prostituta // Falta respeito total*” (F. 399); “*1) Relacionamento homossexual entre Jesus e o diabo // 2) promiscuidade de Jesus e apóstolos // 3) Forma de retratar Maria, promíscua e interesseira*” (F. 585).

Embora Freud (2001) reconheça que as inscrições do tabu são distintas das proibições colocadas pelas instituições religiosas ou morais pelo fato de que estas se baseiam em uma ordem divina ou em normas de abstinência que se auto-justificam, o tabu – cujo fundamento é desconhecido e, por isso, reproduzido e naturalizado de modo inconsciente, jamais chegando a ter sua proibição questionada – ainda pode se manifestar em meio à religiosidade. Uma das respostas consegue captar bem esta delicada intersecção que o *Especial* promove sobre a ambiguidade do tabu, levando-a ao limite: a resposta simplesmente afirma que “o conteúdo [do episódio] não é sobre religião” (F. 452).

Deste modo, o episódio do *Porta dos Fundos* exerceria apenas uma crítica do papel sociocultural e moral exercido pelas instituições religiosas na sociedade, e vice-versa, e não tocaria no interdito sagrado da religião em si. Mas como explicar aqueles dois pequenos grupos? Pois, para eles, parece que o *Especial* tocou direto no cerne do interdito e, segundo Freud (2001, p. 32), quem ou aquilo que toca no tabu, torna-se ele mesmo um tabu. Seria como se aquilo que é interdito por um determinado grupo estivesse impregnado por uma energia estática que é transferida instantaneamente àquele ou àquilo que entra em contato com ela. Deste modo, a transgressão do tabu representa uma ameaça ao grupo, uma vez que ele é capaz de reter e de liberar uma “força demoníaca” que, no inconsciente daquele(s) sobre o(s) qual(is) age, baseia-se na contradição entre uma proibição externamente imposta, mas já há muito internalizada psicologicamente,⁶ e o desejo instintivo de transgredi-la. Ora, pois um tabu só faz

⁶ Para Freud (2001, p. 37), a origem do tabu remete às primeiras comunidades humanas, sendo que “as mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar

sentido se existe um desejo a ser proibido, gerando o que Freud (2001, p. 78) chamará de *ambivalência emocional*. A transgressão desta proibição deve ser, portanto, severamente punida a título de refrear esta “força demoníaca” (*Ibidem*, p. 28), porque disruptiva de uma estrutura sociocultural, que leva este nome por funcionar, inclusive, como uma tentação ao suscitar a “imitação” deste mesmo movimento transgressor nos demais sobre os quais o interdito age. Caso contrário, a transgressão poderia gerar, por fim, uma reação em cadeia que culminaria na quebra da ordem que este tabu, pelo menos a nível comunitário religioso, propicia⁷.

Isso talvez ajude a explicar o porquê de aqueles dois grupos não só concordarem com a represália física à produtora do *Porta dos Fundos* e com a decisão jurídica de retirada do *Especial* (2019) do ar, como também o porquê de eles se sentirem ofendidos por um episódio que nem chegaram a assistir, nem pretendem. “*Não assisti e nem assistirem, mas só o tema já é inojante (sic) e desrespeitoso*” (F. 458).

Se interpretarmos estes discursos pelas lentes propostas por Freud (2001), ao abordar comicamente um interdito sagrado, deslocando o seu critério hermenêutico da religião, o *Porta dos Fundos* pode ter suscitado a sua expressão enquanto tabu, isto é, demandado uma resposta diante de uma transgressão que deve ser violentamente penalizada ou “expiada por uma renúncia”: a retirada do ar. O “respeito,” que acusam o episódio de faltar com, no âmbito religioso deve ser legitimado e autorizado pela ambivalência sagrado/tabu. Em sendo, o tabu, o polo enfatizado, a sua violação “transforma o próprio transgressor em tabu”. Ao “faltar com o respeito” para com este aspecto do sagrado, isto é, tocá-lo comicamente apesar de ser interdito ao riso, além de o próprio *Especial de Natal* (2019) se tornar um tabu, também se tornará um tabu todo(a) aquele(a) que assisti-lo, passando, com isso, a estar à mercê de sofrer, ele(a) mesmo(a), uma penalização violenta ou uma expiação pelo fato de ter assistido e ter entrado em contato com aquilo que transgrediu o interdito. Portanto, no sentido freudiano do presente caso, não só é proibido que se faça comédia do religioso como

o animal totêmico [animal que é o elã do grupo] e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto”.

⁷ “O tabu é uma proibição primeva forçadamente imposta (por alguma autoridade) de fora, e dirigida contra os anseios mais poderosos a que estão sujeitos os seres humanos. O desejo de violá-lo persiste no inconsciente; aqueles que obedecem ao tabu têm uma atitude ambivalente quanto ao que o tabu proíbe. O poder mágico atribuído ao tabu baseia-se na capacidade de provocar a tentação e atua como um contágio porque os exemplos são contagiosos e porque o desejo proibido no inconsciente desloca-se de uma coisa para outra. O fato de a violação de um tabu poder ser expiada por uma renúncia mostra que esta renúncia se acha na base da obediência ao tabu” (FREUD, 2001, p. 40-41).

também se torna proibido o riso daquilo que faz comédia do religioso, justamente porque isso representaria a ruína da ordem sagrada que o tabu estabelece à realidade do indivíduo religioso.

Quebrar um tabu é, portanto, quebrar uma estrutura psicológica e social que pode suscitar graves represálias (como vimos nos dois pequenos grupos em questão). Mas, por outro lado, na contramão de um reforço ainda maior do tabu em relação ao fechamento do indivíduo em seus próprios vieses, a “ambivalência emocional” que ele engendra tem o ônus de poder gerar “consciência” – para além do bem e do mal – não só no sentido psicológico do termo⁸, mas também no seu sentido crítico, público e, neste estudo, acadêmico. Isto é, ao tornar manifesta esta “ambivalência emocional” para o grande público, o *Especial de Natal* (2019) impõe uma reflexão acerca de um tema que até então, se não vinha passando batido pela sociedade brasileira, era, pelo menos, relegado aos seus bastidores: o status contemporâneo do cômico enquanto critério hermenêutico do religioso. Em outros termos, eis o problema posto em cena: com o seu episódio, o *Porta dos Fundos* liberou o riso que ficava contido entre duas dimensões poderosas da religiosidade que perpassa a dinâmica sociocultural: o tabu e o sagrado.

3. O riso preso

Tanto para a hierarquia de Baudelaire (1868) quanto para o tabu de Freud (2001), o interdito que legitima o riso coloca-se através de uma certa normatividade que está para além da consciência do indivíduo e até mesmo do grupo ao redor do qual ele se organiza – no sentido de não se questionar sobre suas origens que, inclusive, há muito podem ter sido perdidas. Esta exterioridade normativa, esta heteronomia, é interiorizada de tal maneira que passa a reger a dinâmica individual (subjetiva), social e, no nosso caso, religiosa, de modo que a dinâmica comunitária do riso, proposta por Bergson (2018), endossará aquilo que aqueles dois autores discutiam, em seus respectivos contextos argumentativos, a respeito da consolidação de uma hierarquia sociocultural e da propagação/inibição da transgressão de um interdito.

⁸ Segundo Freud (2001, p. 78), a explicação do tabu lança luz sobre a origem da consciência humana, pois a ambivalência emocional que o tabu gera, associada com a sombra da culpa caso o interdito seja infringido, suscita uma certa reflexão do indivíduo sobre si mesmo.

Se “[o] riso tem necessidade de eco”, diz Bergson (2018, p. 39), rir é “rir com”, isto é, assinar a pertença a um grupo que ri ou que se torna alvo do cômico. O riso funciona como um convite tentador, como vimos, mas também como fator identitário – dificilmente se ri com os seus inimigos. Há, portanto, “quase uma cumplicidade com os outros ridentes, reais ou imaginários” (*Ibidem*), o que poderia explicar ainda mais a posição daqueles que não assistiram ao episódio, recusaram-se a assistir e, ainda assim, se sentirem ofendidos por ele. Afinal, rir do *Especial de Natal* (2019) é rir do próprio grupo a que se pertence, objeto do cômico; ou melhor, grupo a que se pertencia, porque, enquanto fator identitário, o riso implicará em deserção no exato momento em que alguém ri daquilo que o próprio grupo não acha graça.

Neste cenário, um dos efeitos do riso seria, portanto, a quebra com uma estrutura comunitária, ao passo que isso implicaria em um deslocamento do próprio indivíduo para com a sua identidade coletiva, religiosa, sobretudo, para com a sua identidade reflexiva, isto é, para si mesmo. Este deslocamento se torna violento por expor a tautologia pela qual aquela normatividade, até então, operou. “*Não acho que o humor sirva para discutir religião, mas de forma alguma defendo que a religião (ou qualquer outro tema!) seja imune ao humor*” (F. 100).

A exposição desta tautologia pelo humor – i.e., não se pode rir da religião porque a religião é algo do qual não se ri – e o seu consequente enfraquecimento começa, se não pela transgressão do tabu, já pelo rebaixamento daquela superioridade ao âmbito do meramente humano, pelo cômico.

Mas, até aqui, estes parecem ser resultados pelos quais o cômico opera ou é inibido de operar a nível comunitário e individual. Na tentativa de entender tais movimentos, Bergson (2018), por sua vez, empreenderá uma procura da essência do cômico propriamente dito, começando basicamente por reconhecer que “não há cômico fora do que é propriamente humano” (p. 38). Um cenário, um objeto, um animal só se tornam cômicos na medida em que lhes são atribuídas características humanas. Os elementos religiosos não escapariam a esta regra: no nosso caso, rir-se da religião se torna uma forma de humanizar os seus elementos e mundanizar os fundamentos que se prestam absolutos, isto é, fora do mundo; dinâmica que perpassa o roteiro do *Especial de Natal* (2019). “(...) *Não compreendo Deus como imagem e semelhança do ser*

humano, mas como foi representado assim, essa característica da sua personalidade foi incômoda, ainda que não a ponto de ofender” (F. 552).

Esta humanização do religioso que contesta aquela tautologia (não se ri da religião porque da religião não se ri), expondo-a pelo sentido inverso de sua ação, isto é, de dentro para fora, ao expurgá-la pela produção do cômico, provoca um desconforto naqueles que, até então, estavam à mercê de sua ação heterônoma. *O Porta dos Fundos*, em seu episódio, se apropria da linguagem divina e intersecciona questões humanas que, por si só, inclusive, já são polêmicas em outros contextos de discussão; questões estas que, muitas vezes, ou são passadas despercebidas pela própria comunidade religiosa em questão ou são resolvidas sob o pretexto de sua adequação àquela heteronomia que a rege. E quanto maior a separação entre o divino e o humano, maior o potencial satírico que emerge da sua intersecção cômica. *“Ariano Suassuna tratou a questão com humor inteligente no Auto da Compadecida, e a Comunidade Cristã não se sentiu ofendida” (F. 431).*

Tomemos a homossexualidade, por exemplo, uma das questões mais recorrentes nos formulários. Para muitos, atribuir homossexualidade a uma figura divina é faltar com respeito com o cristianismo. Em um primeiro momento, a tendência imediata é interpretar este dado como uma matéria de preconceito (o que pode, de fato, ocorrer; e ocorre). Mas, se tomarmos a contribuição de Bergson (2018) para o significado do cômico, a complexidade desta questão aumenta ainda mais, pois o fator de desrespeito que aqueles(as) que se ofenderam reivindicam pode não ser necessariamente baseado em um preconceito quanto a homossexualidade em si, mas, antes, em sua componente mundana que implica uma humanização do que para a religião cristã está para além destas questões, absolutamente separada, inclusive. *“Eu nao (sic) acho que humor sobre crença (sic) seja legal, mas no caso acho que eles [Porta dos Fundos] usam religião e humor pra questionar valores sociais. Jesus poderia ser gay e isso nao (sic) deveria ser uma ofensa” (F. 133).*

Não obstante, alguém poderia estranhar o argumento da humanização dos elementos religiosos como sendo a fonte do cômico – e aqui a frase de Baudelaire (1858) com a qual iniciamos nosso artigo (“é em nós, cristãos, que se situa o cômico”) ganha uma nova interpretação – objetando que, deste modo, o cômico deveria ser posto pela própria essência do cristianismo. Ora, afinal, o que seria a *kenosis* na qual se baseia

esta religião senão o movimento de humanização absoluta do divino na figura humana de Jesus Cristo, movimento de intersecção que, transposto para Bergson (2018), seria um dos próprios significados do cômico?

Neste sentido é preciso que consideremos pelo menos mais duas outras camadas da essência do cômico para que, além de ressaltarmos que (i) ele se manifesta pela neutralização da emoção, falando à inteligência pura (e o cristianismo se coloca justamente pela ênfase radical do seu contrário, ou seja, do *pathos* e da compaixão), possamos desdobrar ainda mais a complexidade da *polêmica Porta dos Fundos*. Com isso, observaremos que, ao mesmo tempo em que ela expõe aquela tautologia heterônoma da religião, promovendo a intersecção de temas socioculturais e psicológicos a partir do campo religioso, o episódio se coloca sobre aquilo que, para Bergson (2018), constitui o aspecto mais importante do cômico: (ii) a rigidez, quase que mecânica, do objeto em questão frente ao fluxo e à elasticidade da vida. Esta mecanicidade é o que causa uma deformação caricatural, antinatural, risível, em ambas as dimensões em questão, mas principalmente naquela que se demonstra mais enrijecida.

Por exemplo, a comicidade de um homem distraído que tropeça se dá pela sua ausência de flexibilidade para adaptar-se à mudança repentina que ele não observou em seu caminho. “O que faz rir é o que há de involuntário na mudança [...], a existência de certa rigidez do mecânico onde gostaríamos de encontrar a agilidade e a flexibilidade viva de uma pessoa” (BERGSON, 2018, pp. 40-41). Se aplicarmos esta última definição no caso do *Especial de Natal* (2019), veremos que, ali, o mote cômico se coloca justamente sobre ela: por contrastar a rigidez de uma tradição religiosa milenar com a fluidez da realidade histórica que ela mesma pertence. Com isso, o *Especial de Natal* (2019) traz à tona a falta de flexibilidade desta tradição ao confrontá-la com a relativa novidade das questões contemporâneas. Este contraste, inevitavelmente, caricatura a rigidez da religião para lidar com estas “novas” questões de ordem material e sociocultural que a contemporaneidade lhe coloca. Afinal, se Bergson (2019) nos ajuda a reconhecer que “o pensamento também é coisa que vive”, por isso, ele está à mercê da contradição cômica pela sua eventual falta de jogo de cintura. Não só o corpo, mas o pensamento também se distrai do alto de sua automatização e está sujeito a tropeçar em um fator que entra em seu caminho e que ele não observou. Podemos, então, estender

esta formulação do corpo e do pensamento para a religião, pois, sendo igualmente coisa que vive, ela não se torna imune ao cômico que surge quando os elementos religiosos de sua tradição milenar encontram algo no curso da história que promova uma mudança involuntária em seu caminho. É aí que o sagrado pode, também, do alto de sua distração consigo mesmo, tropeçar; e se ele não tem flexibilidade para se recompor e se adequar, o riso pode não se conter diante da deformação que o seu enrijecimento adquire.

4. O sagrado tem graça?

De uma maneira geral, a linha que transpassa a religião e o cômico nas abordagens que Baudelaire (1868), Freud (2001) e Bergson (2018) fazem, naturalmente, cada qual em seu respectivo contexto de discussão, parece sempre considerar a ambiguidade no tocante à sua atualização forçada pelo cômico, isto é, considera a percepção do Cristianismo como sendo aquilo que adquire e assinala uma superioridade pela via histórico-cultural tão grande que chega, inclusive, a desprender-se dela. Este status do religioso lhe permite funcionar como critério que, simultaneamente, possibilita e interdita a propriedade que o riso tem de mundanizar o próprio fenômeno religioso ou, nas palavras de Eliade, nos limites aceitáveis de profanação do sagrado. “*Não se deve profanar o sagrado*” (F. 652).

Embora se reconheça aquela ambiguidade, para aqueles que a estudam a partir de uma área que não é a da Ciência da Religião, o vetor das suas respectivas abordagens será aquele que considerará a religião e o fenômeno religioso como um efeito secundário, isto é, para a Freud (2001), por exemplo, a religião é um resultado das dinâmicas psíquicas individuais e coletivas. Mas, para a fenomenologia da religião, o ponto de vista se inverte: o fenômeno religioso se coloca como fonte primária em relação às demais dimensões da vida humana. Neste sentido, o cientista da religião deve reconhecer que o sagrado é interferido, sim, pela dinâmica social e pelas representações psicológicas que os indivíduos detêm em si e entre si, mas, fenomenologicamente falando, o sagrado penetra nas camadas socioculturais e psicológicas por uma via que lhe é própria: para o religioso, o sagrado é o fundamento ontológico de seu mundo, ou seja, aquilo que confere ordem a toda sua existência. Isto quer dizer que, para aquele que crê, a ordem da realidade é ditada pelo fundamento de sua fé, de modo que qualquer

intervenção neste fundamento suscita o risco de desestabilização da cosmologia que ele sustenta; o mundo daquele que crê é, literalmente, arruinado.

O sagrado, quando se manifesta pelo que Eliade (1992) chamará de *hierofania*, coloca consigo um ponto-fixo absoluto, um *axis mundis*, um centro ao redor do qual o mundo se estabelece. Não à toa, para Eliade (1992, p. 59), a *hierofania* se une à manifestação do próprio Ser, isto é, a uma *ontofania*.

Naturalmente, a sacralidade do fundamento criador do mundo para o religioso caracteriza-se justamente pela sua distinção qualitativa em relação ao profano que, inclusive, está sujeito à sua ordenação. A hierofania provê um ponto-fixo porque foge à relatividade da homogeneidade que se coloca no profano (*Idem*, p. 17), indicando, mais uma vez, o signo da hierarquia heterônoma do religioso. Mas, notemos, com Eliade (1992), que esta heteronomia não é um reflexo de uma projeção puramente psicológica ou fruto de uma dinâmica sociocultural, mas é autônoma em sua qualidade ontológica. Talvez isso nos ajude a entender melhor (o que não implica em uma justificativa) a gravidade que detém o gesto que desloca e questiona este status ontológico. Por sua vez, o cômico tem o poder de fazê-lo, como vimos, mediante a ofensiva contra o *Especial de Natal* (2019) e a polêmica que ele gerou. “*Não assisti mas acho que Deus ou Jesus tem que ter respeito. A religião cada escolhe a que achar melhor. Mas Deus é sagrado. Eu li o anúncio inicial da peça e respeito à Deus todos nós temos que ter. E Deus é único!!*” (F. 423).

Se Bergson (2018) estiver certo quando indica que a essência do riso advém, principalmente, do contraste da rigidez de seu objeto com a fluidez natural da vida, quando o *Porta dos Fundos*, em seu *Especial de Natal* (2019), se apropria daquilo que de mais rígido pode se apresentar, isto é, apropria-se do *axis mundis* sobre o qual se estrutura toda a realidade do homem religioso, temos, com isso, a comédia levada ao seu expoente máximo. Ponto em que, inclusive, o riso deixa de ser apenas um *gesto social*⁹ e adquire um potencial de ruptura com base naquilo que o próprio sagrado combate, isto é, o riso instaurador do caos, arruinando a cosmologia organizada pelo sagrado. O riso se torna, portanto, “diabólico”, disruptivo.¹⁰ Rir do sagrado, neste

⁹ Aqui podemos ver algumas intertextualidades com o tabu freudiano, com a diferença de que Freud (2001) explora a ordenação sociocultural que este elemento provê. Eliade já a discute em um nível ontológico.

¹⁰ *Diabólico* remetendo à origem etimológica que denota “ruptura de sentido, de ordem”.

contexto, é, no limite, abalar a sua rigidez ontológica e contestar, com isso, a capacidade absoluta que o sagrado tem de prover sentido ao mundo profano. O cômico, em um contexto fenomenológico da religião, lidaria, portanto, com este conflito entre o cosmos e o caos, tão caro a Eliade (1992). “*Profanar o sagrado do que o outro acredita não acrescenta, divide, instiga a discórdia. Mas se o conteúdo têm um propósito de integrar as massas, trazer pra uma reflexão positiva, diferente do que foi proposto nesse filme, pq não?*” (F. 180)

Uma vez mais, podemos notar que a hierarquização se apresenta junto com a tautologia que a comédia denuncia – o sagrado não pode ser profanado porque ele é, afinal, sagrado – e remeter a Bergson (2018) um último elemento da discussão de Eliade (2019) nos ajuda a entender como ela se dá neste seu âmbito de discussão. “*Tenho apenas um motivo: não se zomba do Sagrado*” (F. 432).

Na dinâmica entre sagrado e profano, há pelo menos dois tempos em jogo: o tempo sagrado que a religião postula em si e para si – que Eliade (2019, p. 38) chama de tempo mítico – e o tempo histórico da tradição, o tempo profano. Estas temporalidades operam não só em níveis diferentes de representação, como em velocidades e dinâmicas próprias, chegando, inclusive, a negarem-se mutuamente. O tempo mítico está associado com o tempo da narrativa sagrada, isto é, a um tempo primordial, estático porque eternamente se repete *in illo tempore*¹¹, podendo apenas ser atualizado pela via da prática religiosa (o ritual, por exemplo). Esta temporalidade seria aquela em que a própria fonte sagrada opera e somente pela *hierofania* é que ela toca diretamente o tempo e o espaço profanos que, por sua vez, ao contrário do tempo mítico, competem a uma relatividade que jamais se repete tal qual uma vez já se deu na história. “*Os dogmas da religião não se discute por estar na sociedade a séculos e toda vez que foram discutidos alguém acabou se machucando*” (F. 646).

O que o *Especial de Natal* (2019) realiza, portanto, é a apropriação daqueles elementos sagrados, retirando-os da temporalidade mítica da religião a que pertencem, trazendo-os para a narrativa do tempo profano e, com isso, ressaltando ainda mais a contradição que habita a essência do cômico bergsoniano. Se, em um primeiro momento, a polêmica pode se dar, por exemplo, pela sexualidade de Jesus, agora, em se

¹¹ Para Bergson (2018), a repetição é um dos elementos que permitem a emergência do cômico, por agir na contramão da naturalidade, isto é, mostra-se inflexível e rígida na medida em que lhes são apresentadas interferências externas.

tratando do fenômeno religioso, esta sexualidade se torna apenas o mote para que o problema seja, para o religioso, a inserção do sagrado em questões que compete ao profano (no sentido temporal do termo). O cômico se daria pela resistência que o sagrado tem, em seu tempo mítico, em se deixar atualizar por via profana. E, de certa forma, ele deve se recusar a se atualizar, uma vez que esta flexibilização implicaria na destituição de seus status ontológico, sagrado. É justamente esta recusa e esta rigidez que fornecem, inclusive, material para a emergência do cômico no *Especial de Natal* (2019) do *Porta dos Fundos*, que retira, à força do risível, o sagrado de seu lugar, até então, superior, intocável, inabalável e eterno. "*Fazer piada com temas religiosos de forma desrespeitosa e herética, como piadas que depreciam todo o estudo dos dogmas da fé católica, o qual possui mais de 2000 anos*" (F. 417).

5. Conclusão

Com a presente pesquisa, buscamos, então, indicar alguma das camadas que perpassam a relação entre a religião e o cômico, e a complexidade com a qual se dá a intersecção entre elas, através do estudo de um caso que ainda está em andamento nos contextos religioso e artístico brasileiros. A polêmica *Porta dos Fundos* nos deu a oportunidade de não só testar a bibliografia que se ocupa do grande tema em questão – tirando o pesquisador de sua poltrona e colocando-o em campo – como também, e por isso, ampliá-la para além do âmbito acadêmico. Ao ouvirmos as pessoas, através dos formulários, é lhes dada a chance de que tenham as suas opiniões pessoais sobre a questão convertidas em dados qualitativos, contribuindo para que o público perceba, inclusive, um *feedback* da importância e o peso que têm seus discursos que, em um primeiro momento, podem parecer simples e inofensivos. Baudelaire (1868), Freud (2001), Bergson (2018) e Eliade (1992) não foram trazidos aqui sob o pretexto de legitimar os discursos que a eles se aplicam, uma vez que os próprios discursos coletados pelos formulários são capazes de legitimar ou não aqueles teóricos; naturalmente, isso vale para o próprio *Porta dos Fundos*: as camadas teóricas emergem e se consolidam pelo modo como elas são praticadas e dinamizadas por pessoas reais. O papel do pesquisador, aqui, foi e é o de mediar este debate, trazendo recursos e instrumentos teóricos para que ele se torne mais esclarecido para os envolvidos.

Com Baudelaire (1868), levantamos a questão da hermenêutica do riso cristão, cuja ambiguidade se dá pelo seu sucesso enquanto fenômeno histórico-cultural que estabelece, pelo mote religioso, os critérios e os limites do cômico e de sua apropriação enquanto objeto do cômico. Rindo, mas esquivando de ser objeto de riso, Freud (2001) nos ajuda a pensar as implicações dessa interdição que, por vezes, expõe o sagrado em sua qualidade de tabu. No entanto, esta interdição pode e é transgredida pelo cômico, e Bergson (2018) nos fornece instrumentos para analisar como ela é feita e, mais do que isso, como a essência do riso se comporta ao se apropriar da essência do religioso, que Eliade (1992) nos indica como sendo o sagrado.

Como último aspecto importante, vale ressaltar que, quando foi perguntado se o *Especial de Natal* (2019) alterou de alguma forma a relação que a pessoa tinha com a sua própria religião, só não obtivemos uma unanimidade porque, dos 710 participantes, 3 disseram que sim. Mas, se remontarmos o discurso do formulário desses 3 participantes, podemos ver que eles entenderam que a pergunta era sobre se o episódio alterou a narrativa cristã em si. Deste modo, tirando aqueles que não assistiram ao *Especial de Natal* (2019), temos um total virtual de 100% dos participantes dizendo que não, o *Especial de Natal* (2019) não mudou o modo como os participantes lidam com a própria religião.

Essa assertividade, depois do percurso teórico-prático que fizemos até aqui, diz muito sobre a tensão entre a religião e o cômico, pois, por mais que não tenha alterado substancialmente a relação dos participantes com a religião cristã, o episódio suscitou uma polêmica e uma resposta social de intensidade inédita no país. Para o bem ou para o mal (não cabe a nós fazermos quaisquer juízos de valor), o riso, pelo menos, serviu para que a questão fosse colocada sobre a mesa. Se, antes, a relação entre a religião e o cômico era um assunto estranho para a própria sociedade brasileira, agora ela se tornou mais aparente. Independente de seus desdobramentos, ela não pode ser ignorada, e esperamos que este artigo tenha contribuído para ressaltar alguns porquês.

Referências Bibliográficas

- ÁGORA DO PORVIR. *Facebook*, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/agoradoporvir>>. Acesso em: 07 fev. 2020a.
- _____. *Instagram*, 2020a. Disponível em: <<https://www.instagram.com/agoradoporvir>>. Acesso em: 07 fev. 2020b.
- ANGELO, Tiago. *Toffoli concede liminar e suspende censura a especial do Porta dos Fundos. Conjur*, 2020. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2020-jan-09/toffoli-suspende-censura-especial-porta-fundos>>. Acesso em: 07 fev. 2020.
- BAUDELAIRE, Charles. De L'essence du Rire. In.: BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres Complètes de Charles Baudelaire: II Curiosités Esthétiques*. Paris: Michel Lévy Frères. 1868. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 07 fev. 2020.
- BERGSON, Henri. *O Riso: ensaios sobre o significado do cômico*. Trad. por Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018.
- CONJUR. *Conjur*, 2020. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2020-fev-05/stj-neda-pedido-salvo-conduto-acusado-atacar-produtora>>. Acesso em: 07 fev. 2020.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad. por Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, Sigmund. *Totem and Taboo: some points of agreement between the mental lives of savages and neurotics*. Trad. por James Strachey. Londres: Routledge, 2001.
- LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Traduzido por Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora34, 1994.
- MINOIS, Georges. *A História do Riso e do Escárnio*. Tradução de Maria Elena Assumpção. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- NETFLIX. Netflix, 2019a. Página inicial. Disponível em: <<https://www.netflix.com/>>. Acesso em: 06 mar. 2020..
- _____, 2019b. Sustainability Accounting Standards Board (SASB) Report. *Netflix*, 2019a. Disponível em: https://s22.q4cdn.com/959853165/files/doc_downloads/2020/02/0220_Netflix_EnvironmentalSocialGovernanceReport_FINAL.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2020.
- _____. *Twitter*, 2020. Postagem. Disponível em: <<https://twitter.com/NetflixBrasil/status/1215355335650816006>>. Acesso em: 05 fev. de 2020..
- NETO, Lauro. Fauzi: 'Não resta outra forma além de responder com as próprias mãos'. *Projeto Colabora*, 2020. Disponível em: <<https://projctocolabora.com.br/ods16/fauzi-nao-resta-outra-forma-alem-de-responder-com-as-proprias-maos/>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

PORTA DOS FUNDOS. *Twitter*, 2020. Postagem. Disponível em: <<https://twitter.com/portadosfundos/status/1215360695409221632>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

RODAS, Sérgio. Juíza do Rio de Janeiro nega censura a especial de Natal do Porta dos Fundos. *Conjur*, 2019. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2019-dez-20/juiza-rio-nega-censura-especial-natal-porta-fundos>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

_____. Desembargador do TJ-RJ censura especial de Natal do Porta dos Fundos. *Conjur*, 2020. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2020-jan-08/desembargador-tj-rj-censura-especial-natal-porta-fundos>>. Acesso em: 06 fev. 2020,.

Anexo - Estrutura do formulário

Título: Pesquisa de opinião, para fins científicos, sobre o *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo*.

Descrição: No dia 3 de Dezembro de 2019, foi lançado pela Netflix o *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019). O episódio que tem gerado uma grande discussão e comoção pública, principalmente por parte da comunidade cristã, retrata um Jesus homossexual (Gregorio Duvivier), prestes a completar 30 anos de idade, que é surpreendido com uma festa ao voltar do deserto com um suposto namorado, Orlando (Fábio Porchat). A "sátira que envolve valores caros e sagrados da fé cristã" (segundo especificação técnica fornecida pela Netflix) também traz um Deus (Antonio Tabet) que vive num triângulo amoroso com Maria e José (Seguido pelo trailer do *Especial de Natal*).

Termo de consentimento livre e esclarecido: O presente formulário se propõe a realizar uma pesquisa de opinião sobre o "Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo" (2019), para fins exclusivamente acadêmicos na área de Ciência da Religião.

A Ciência da Religião é uma área do conhecimento que se propõe a estudar a pluralidade do fenômeno religioso de maneira não confessional e seguindo uma metodologia estritamente científica.

Visto que a religiosidade assume um protagonismo neste debate, o estudo deste caso se configura como sendo de suma importância para o entendimento do tema no atual cenário brasileiro.

Ao submeter o formulário, você concorda que as suas respostas sejam utilizadas para a pesquisa, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que consta no seguinte link:

https://docs.google.com/document/d/1hP5Xz6swMMIYOg75fL4nKAVGWW5fBSmjWR3PHPV_6ws/edit?usp=sharing

Vale ressaltar que o formulário é completamente anônimo e de livre iniciativa de participação.

Agradecemos pela sua ajuda e pela ampla divulgação.

Perguntas de múltipla escolha¹²:

Seção 1:

1. Qual a sua idade? *
2. Qual a sua identidade de gênero? *
3. Você mora em qual região do Brasil?
4. Qual a sua escolaridade? *
5. Você se considera pertencente a qual(is) religião(ões)?¹³ *

Seção 2:

1. Você assistiu o *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019)? *
2. Como você ficou sabendo do *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019)? *
3. Você já conhecia o grupo de humor *Porta dos Fundos* antes do *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019)? *
4. Você se sentiu religiosamente ofendido(a) ao assistir o *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019)? *

¹² As perguntas de resposta obrigatória vêm acompanhadas de um asterisco. As perguntas (4.a), (7.a) e (9) oferecem um campo para o desenvolvimento da resposta pelo(a) participante.

¹³ Esta pergunta permitia, além da escolha de mais de uma alternativa, a inclusão de uma resposta caso o(a) participante não se sentisse contemplado pelas disponíveis.

- a. Se você se sentiu religiosamente ofendido(a) pelo *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019), enumere até três motivos específicos. (Pode ser alguma cena, alguma fala, algum personagem, por exemplo).
5. No dia 24 de dezembro de 2019, em resposta ao *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019), o prédio da produtora dos *Portas dos Fundos* sofreu um ataque e foi incendiado com coquetéis molotov. Você concorda com este ataque? *
6. Na quarta-feira (8/1) o Tribunal do RJ determinou a retirada do ar do *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019), por motivos cautelares de "acalmar os ânimos". (Processo ainda em andamento). Você concorda com esta decisão judicial? *
7. O *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019) alterou a sua crença religiosa?*
- a. Se sim, como o episódio alterou a sua crença religiosa?¹⁴
8. Você recomendaria o *Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo* (2019) para alguém?*
9. Você acha que o humor é uma forma válida de se discutir Religião? (caso queira, também utilize o espaço da opção "Outro" para justificar sua resposta)¹⁵.*
-

Recebido em: 22/04/2020 | Aprovado em: 01/08/2020



¹⁴ Foi fornecido um campo em branco para o(a) participante justificar a sua resposta.

¹⁵ *Idem*.